CIDADE INVENTADA: O RIO DE JANEIRO DE FACHADA E ILUSÃO

INVENTED CITY: THE RIO DE JANEIRO OF DECEPTIVE FRONT AND ILLUSION

Radamés Vieira Nunes[1]

Resumo: Este artigo tem como objetivo principal pensar, a partir dos cronistas Olavo Bilac e Lima Barreto, as concepções de cidade criadas em torno do Rio de Janeiro, que circulavam nas folhas cotidianas da imprensa, através das crônicas, durante as duas primeiras décadas do século XX.

Palavras-chave: Rio de Janeiro, Jornalismo, Crônicas, Cronistas.

Abstract: This project has as the main purpose thinking about, from Olavo Bilac and Lima Barreto, the conception of city created around Rio de Janeiro which goes around daily in the press, through chronicles during the first two decades of the twentieth century.

Key-words: Rio de Janeiro, Journalism, Chronicles, Chroniclers

Posicionamos nossas lentes de observação nas páginas dos periódicos, para investigar as imagens do Rio de Janeiro criadas pelos cronistas cariocas. Nos surpreendemos, ao notar que a cidade que privilegiamos, nas folhas, transformou-se em cidades. Lima Barreto e Olavo Bilac apresentaram pontos de vistas diferenciados sobre o Rio de Janeiro, que nos dão a impressão de que a cidade se multiplicou em cidades que se interagem e se misturam. Do alto do morro, alguém observa a Avenida Central; da Avenida, outra pessoa observa o morro; do morro um sujeito assusta-se ao ver que hábitos da avenida subiam morro acima; da avenida, alguém olha e se espanta ao notar que costumes e tradições do morro passeavam pela aplainada e larga rua. Muitos se surpreenderam ao acompanhar o morro que se tornou em avenida. Desses possíveis olhares se formaram as crônicas, ou melhor, a cidade feita texto que retornou às ruas como cidades possíveis, ou quem sabe, recortes da Capital Federal. Bilac e Barreto nos oferecem suas visões literárias e/ou jornalísticas do espaço urbano do Rio de Janeiro no momento em que as ruas eram foco de atenção, não só da imprensa, mas de toda a sociedade carioca.

O confronto entre o que se julgava atrasado e o que se julgava moderno, entre o centro urbano e o subúrbio, entre os signos do progresso e os signos da tradição, o lixo e o luxo, a cidade ideal e a cidade real, a cidade desejada

[1] Mestre em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: radames.nunes@yahoo.com.br

e a cidade condenada, o Rio de Janeiro visível e o Rio de Janeiro invisível, faz pensar que esse período de transformações na cidade carioca, no início do século XX, teve muito de ilusão e fachada. Olavo Bilac e Lima Barreto, de lugares diferentes, em veículos com propostas diferentes, com intenções quase sempre diversas, criaram concepções de cidades que queremos confrontar para entender melhor essa conexão entre cidade, crônicas e cronistas.

No período de reurbanização do Rio de Janeiro, parte da cidade se tornou um canteiro de obras. As principais intervenções de remodelação realizadas na administração de Francisco Pereira Passos foram: demolição de aproximadamente 600 casas, demolição de morros, abertura da Avenida Central, melhoramentos na região portuária, aterramento do Botafogo, Avenida Beira Mar e Flamengo, alargamento de algumas ruas como a Rua da Carioca, do Catete, 7 Setembro (KOK, 2005, 6). Sendo assim, podemos afirmar que não houve reformulação em todo o Rio de Janeiro, mas sim, intervenções pontuais feitas pelas autoridades governamentais no sentido de fazer da cidade um cartão de visitas do Brasil.

Grande parte dessas obras foram feitas numa velocidade muito rápida para a época. A construção da Avenida Central, por exemplo, aconteceu entre 8 de março de 1904 e 15 de novembro de 1905. No dia 07 de setembro, a Avenida foi inaugurada. Ainda como uma comemoração pelo fim das demolições e no dia 15 de novembro de 1905, houve uma segunda inauguração, comemorando a conclusão da Avenida (NEEDELL, 1993, 58-66). Nesse curto espaço de tempo, foi construído o grande símbolo da modernidade, do progresso e da civilização: o centro comercial e financeiro do Rio de Janeiro. Sobre os pilares de remodelação, saneamento e embelezamento, legitimados pelos pareceres de médicos e engenheiros, o espaço urbano transformou-se abruptamente, criando o imenso monumento, com 1.800 metros de comprimento e 33 metros de largura, do "Rio de Janeiro espetáculo". Bilac dizia:

> Inaugurou-se a Avenida! Parece um sonho... onde estás tu metido, Carrancismo ignóbil, que por tanto tempo nos oprimiste e desonraste? Em que furna lôbrega, em que socavão escuro te fostes esconder envergonhado? Em vão te procurei, nestes últimos dias e nestas últimas noites de novembro, pela radiante extensão da Avenida formosa: não vi, em parte alguma, o teu olhar sinistro em que a má vontade reduz perpétua, a tua boca franzida num eterno riso de sarcasmo, a tua fronte envergada numa perene contenção de birra e malevolência... Andas, com certeza, homiziado nos becos sujos, em que se mantém ainda a tradição do mau gosto e da imundície: afugentou-se a luz da Avenida, horrorizou-te a alegria do povo, fulminou-te o despeito! Há menos de dois anos, no terceiro número da Kosmos, esta crônica registrava o começo dos trabalhos grandiosos, agora coroados, num triunfo consolador, do mais completo êxito:

> Isso era escrito em março de 1904. Há vinte meses apenas! Onde se vai perdida a nossa fama de povo preguiçoso, amolentado pelo clima e pela educação, incapaz de longo esforço e de tenaz trabalho? Em que outro país do mundo se realizou jamais um igual prodígio de decisão e execução, uma igual maravilha de coragem e rapidez? (BILAC, *Kosmos*, 11/ 1905)

A crônica de Bilac revela bem a sensação de modernidade vivida pela população carioca, que parecia estar anestesiada com a movimentação em torno da remodelação urbana. A avenida e as demais obras eram vistas como vitória definitiva sobre o estereótipo que criaram dos brasileiros: vitória sobre a preguiça, sobre a condição de povo parado no tempo, incapaz de acompanhar o progresso a que o ocidente se submetia. A cidade desejada estava pronta! Uma verdadeira avalanche de mudanças tomou conta de uma restrita parte da cidade; cidade esta para quem se voltava toda atenção, de maneira que toda ela se resumiu à "radiante extensão da avenida famosa".

Os comentários de Olavo Bilac tiveram a intenção de glorificar os feitos da administração governamental, retirando a atenção dos espaços de recusa e direcionando os olhares para o espaço sonhado. Antes mesmo do início das obras, a sensação de modernidade já havia tomado conta do cronista, que imaginava a avenida acabada antes mesmo de ela começar a ser construída. Isso era uma demonstração do cronista aos seus leitores do aval, da total confiança que deveria ser depositada nos produtores do espaço, sustentando, assim, a legitimidade da ação dos mesmos. Veja-se com que euforia o cronista anuncia a criação da avenida, como a realização de um sonho:

> A Avenida... parece-me que a vejo acabada, ampla e formosa, com as suas árvores, os seus palácios, as suas lâmpadas elétricas, os seus refúgios, e cheia de uma multidão contente e limpa. Ainda não é realidade: mas já não é sonho. Já os mais incrédulos perderam a incredulidade; calaram-se os motejos, esfriaram-se os sarcasmos, apagaram-se os risinhos de mofa; e há por toda cidade um espanto. Como?! Daqui a poucos dias, o primeiro golpe da picareta (...) entoará a primeira nota do hino triunfal. E não teremos de viver muito para ver terminada essa obra de salvação nacional; a limpeza, o arejamento, a regeneração da grande cidade operosa e honrada. É verdade, sim! A avenida já não é sonho: e o povo já compreendeu que só amam verdadeiramente aqueles que, em lugar de engabelá-lo com discursos, querem dar-lhe saúde e vida descente, dando-lhe uma capital moderna e esplêndida... para ver como o povo já se sente a extensão dos benefícios que lhes estão preparando o governo e a prefeitura, basta lembrar a alegria com que se celebrou, há poucos dias, a queda da última das casinholas. Eu vi, com esses olhos que a terra há de comer, a alegria do povo, - alegria sincera e ruidosa, dessas que ninguém pode encomendar e pagar, e que são espontâneas e irresistíveis como os estos do mar e como as irradiações da luz do sol e espero ver, com estes mes-

> mos olhos, dentro de pouco tempo, a alegria mais vasta e mais ardente com que toda a população há de saudar a inauguração da grande Avenida (BILAC, *Gazeta de Notícias*, 06/12/1903).

A impressão que passa é que a Capital Federal não era mais a mesma e ainda não era outra: aparece então um intervalo entre as duas fases da vida urbana, mas de maneira tal que já estava mais que determinado no que ela se tornaria e o que ela não mais seria. Nesse sentido, o momento descrito por Olavo Bilac, é crucial para se entender a sensação da modernidade e a ilusão de que ela estava expressa na cidade como um todo, pois é nessa fase intermediária que os jornais e a sociedade parecem perceber, na cidade física de forma mais aflorada, a cidade do desejo, naquele instante ainda invisível.

O Rio de Janeiro aparece, nas crônicas bilaquianas, como a cidade revolucionada ou em via de ser transformada pela ação de homens de coragem. Uma espécie de sucessão de imagens é criada para confirmar a seqüência das mudanças: primeiro a cidade colonial de antes; em seguida, a desestruturação e a desordem das intervenções e, enfim, a nova cidade criada sob a tutela dos governos Federal e Municipal. Essa sucessão de imagens forma o contexto ideal para sustentar a sensação e a ilusão de que a cidade sonhada foi construída. A avenida é qualificada pelo cronista como a obra de salvação nacional, de maneira que a larga rua correspondia à cidade, e a cidade valia pelo país. Como se pela avenida todo o país tivesse se inserido na modernidade, em harmonia com os paradigmas do progresso. O sonho do Rio como cidade moderna e civilizada equivalia à nação, à identidade desejada.

Esse cenário fez com que houvesse, indiscutivelmente, uma grande comoção pública em torno do empreendimento, o que deu a ele o "status" de projeto miraculoso, ou seja, milagre da transformação. Mas não era para menos, todo um cenário foi desfeito no coração da cidade para reerguer outro. Mesmo que o projeto não incorporasse as massas, e fosse restrito ao miolo do Rio de Janeiro, ele impressionou pelo tamanho e velocidade (NEEDELL, 1993, 60). Uma larga faixa de área moderna rasgava a velha cidade de ruas estreitas, tortas e com arquitetura e hábitos considerados próprios do período colonial. Embora as obras fossem maiores no discurso que na reformulação em si, as imagens produzidas sobre a realidade nas páginas da imprensa, ligadas ao projeto, e nas crônicas de Olavo Bilac, não eram falsas, eram, muitas vezes, ilusórias.

As reformas, somadas aos avanços tecnológicos, contribuíram no sentido de mudar a percepção da cidade. Diante dessa combinação, houve também mudanças na percepção do espaço urbano. A imprensa escrita do período acompanhou de perto esse processo, fosse com críticas, elogios, ironias, entusiasmo, desaprovação, ou, mesmo, com um pouco de tudo, misturado em um único periódico. O jornalismo percebeu, acompanhou e participou do debate da cidade sobre si.

> Já houve na, Avenida Central, a festa do levantamento de cinco ou seis cumeeiras de novos prédios. Ao longo da imensa artéria, rasgada no coração da cidade, vão pouco a pouco apontando, saindo do solo, crescendo, subindo, pompeando à luz, os palácios famosos. Aquilo que apenas parecia um sonho absurdo de megalomania, pouco a pouco se transforma numa radiante realidade... acabo de reler o que se escreveu, no primeiro número da Kosmos, há pouco mais de um ano. Dizia o cronista que a Kosmos acompanharia, de passo em passo, a transformação da cidade, assinalando todos os seus progressos, seguindo com interesse o seu lento evoluir para a regeneração higiênica. Esse propósito não pode ser de todo cumprido, porque o progresso foi muito mais rápido e muito mais completo do que era lícito esperar. (...) em um ano, a coragem e a inteligência operaram milagres. A Avenida está cheia de prédios (...) palácios modernos capazes de honrar qualquer cidade civilizada. A Kosmos, que nasceu com a nova era da vida urbana, e que, por isso, queria ser um espelho fiel, onde de traço em traço se viesse refletir a história dessa era, já não pode cumprir o seu programa: em cada mês, a cidade progride um ano, e seria preciso, para que aquele programa fosse respeitado, que as páginas da revista fosse da primeira à última dedicadas exclusivamente ao registro desse progresso (BILAC, *Kosmos*, 02/1905).

Através dos cronistas, podemos notar que a cidade do Rio de Janeiro como metrópole higiênica, limpa, civilizada já existia como representação simbólica, alimentada pelo desejo, mesmo antes dela existir como espaço físico real e acabado. A reforma produziu essa sensação, principalmente naqueles que habitavam e se beneficiaram com o restrito espaço aberto à modernidade, tomado por eles como o todo. O cronista Olavo Bilac, nesta crônica, não oferece uma visão que fosse globalizante do Rio de Janeiro ou que tentasse lê-lo ou fazer-se lê-lo como um todo. Apresenta apenas a fachada desejada, que assumia a configuração da cidade. A revista *Kosmos*, em sintonia com a nova vida urbana do desejo, como o "espelho fiel", buscou refletir a imagem do Rio apenas pelo ângulo da fachada, grande e alta o suficiente para esconder ou desviar a atenção da cidade indesejada.

Lima Barreto denunciava tal postura, colocando suas crônicas como um espelho para mostrar além da fachada, numa tentativa de acabar com a ilusão vivenciada do Rio de Janeiro espetáculo. Renato Cordeiro Gomes elucida que no Rio de Janeiro se montou um palco para a encenação de uma vida elegante na Capital Federal. Segundo o autor, Lima Barreto estaria posicionado:

> (...) nos bastidores desse palco arquitetado pelo poder, penetra a visão disfórica, marcada pelo traço crítico direcionado ao progresso, porque lê a cidade real. E vê o terrível ao lado do belo, o cômico somado ao trágico, a loucura em tensão com o lógico. Aqui se inscreve Lima Barreto que, embora queira e esteja no

> coração pulsante da cidade, denuncia as mazelas que resultam da metamorfose da vida carioca a caminho do cosmopolitismo identificado com o modelo parisiense. Sob o signo da desconfiança, mas rejeitando a nostalgia do campo, percebe a relação necessária entre modernidade e vida urbana. Coloca-se contudo, à margem da euforia ... (GOMES, 2008, 115).

Lima Barreto mostra a cidade que se moderniza, mas que ainda convive com uma cidade colonial visível no traçado das ruas e nos costumes dos seus habitantes; que convive com a ausência de saneamento básico, ruas imundas e esburacadas e muita carência.

> Não se abre um jornal, uma revista, uma magazine, atualmente, que não topemos logo como propostas de deslumbrantes e custosos melhoramentos e obras. São reformas suntuárias na cidade; coisas fantásticas e babilônicas, jardins de Semíramis, palácios de mil e uma noites e outras coisas semelhantes que eles propõe sejam feitas, no mais breve espaço de tempo possível. Houve um até que aventou a idéia do ministério da agricultura e prefeitura municipal construírem um prado de corridas no Leblon, visto gastar-se tanto dinheiro em coisa inútil. É claro que (...) se o artigo fosse assinado, o seu autor merecia ser lapidado pelos miseráveis e pobres que não têm um hospital para se tratar, pelos mendigos e estropiados que não possuem asilo onde se abrigar. A função primordial dos poderes públicos, sobretudo o municipal, para o incubador de semelhante idéia, é fornecer passatempos a quem os já tem de sobra. Nesse caminho, a prefeitura deve desapropriar as "montras" da Rua do Ouvidor e da Avenida, para ampliá-las, embelezá-las, de forma a poder aumentar o número de bonecas de cera, vestidas a capricho. Tudo delira e todos nós estamos atacados de megalomania. De quando em quando, dá-nos essa moléstia e nós nos esquecemos de obras vistas, de utilidade geral e social, para pensar só nesses arremedos parisienses, nessas fachadas e ilusões cenográficas. Não há casas, entretanto, queremos arrasar o morro do castelo, tirando habitação de alguns milhares de pessoas. O mundo passa por tão profunda crise, e de tão variados aspectos, que só um cego não vê o que há nesses projetos de loucura, desafiando a miséria geral. (...) É caso de apelar para os ditados. Vão dous: cada louco com sua mania; sua alma, sua palma (BARRETO, *Careta*, 28/08/1920).

Essa era a postura habitual de Lima Barreto, críticas a todos os lados, dessa forma, ele apresentava à população o cotidiano da cidade carioca. O objetivo primordial era desmantelar os projetos do Rio elegante, apreciados pela visão oficial, e mostrar o lado oposto da fachada sem a maquiagem, da ilusão alimentada pelo povo através do desejo. Suas apreciações caminham no sentido contrário da tendência geral das crônicas bilaquianas, a suntuosidade das obras realizadas no miolo da cidade é ridicularizada por ele por

não atender às reais necessidades da sociedade. Lima Barreto percebia o Rio de Janeiro não pela ótica do desejo, mas, antes, pela lógica da necessidade.

Lima Barreto questiona ainda os termos comumente utilizados para tratar das intervenções no espaço urbano. O cronista tenta demonstrar que remodelação e melhoramento são termos que não correspondem às obras já concluídas e as que se queriam realizar, porque todas foram arquitetadas sob a ditadura do embelezamento, haja vista que o conjunto das obras não passava de "fachadas e ilusões cenográficas".

A imprensa estritamente relacionada às mudanças na cidade também foi alvo do cronista por se colocar a serviço da elite em prejuízo da população menos favorecida. A reforma do centro urbano do Rio de Janeiro aparece nas crônicas de Lima Barreto não pela sua grandiosidade e beleza, mas pelo que tem de descomedido e pelos problemas decorrentes dela.

Lima Barreto escreveu esta crônica em 1920, já distante das obras realizadas durante a administração de Francisco Pereira Passos, mas a tendência reformista sob os paradigmas do progresso não era propriamente de Passos, mas, acima de tudo, constituía um projeto republicano, daí as semelhanças entre a primeira onda de reformas e as obras encabeçadas pelo prefeito Carlos Sampaio. O próprio Lima Barreto não faz diferenciação entre elas e sempre se remeteu a elas como parte de um mesmo projeto, "projetos de loucura" de querer fazer do Rio de Janeiro o cartão postal do país. Tanto é que a Avenida Central continuou como o foco de debates, mesmo após ter passado a se chamar Avenida Rio Branco, em 1912, em homenagem ao falecido diplomata e ministro das Relações Exteriores de Rodrigues Alves, o barão do Rio Branco (BARRETO, *Careta*, 06/1915).

Ainda em Lima Barreto:

> As chuvaradas de verão, quase todos os anos, causam no nosso Rio de Janeiro, inundações desastrosas. De há muito que a nossa engenharia municipal se devia ter compenetrado do dever de evitar tais acidentes urbanos. Uma arte tão ousada e quase tão perfeita, como é a engenharia, não deve julgar irresolvível tão simples problema. O Rio de Janeiro, da Avenida, dos squares, dos freios elétricos, não pode estar à mercê de chuvaradas, mais ou menos violentas, para viver a sua vida integral. Como está acontecendo atualmente, ele é função da chuva. Uma vergonha! Não sei nada de engenharia, mas, pelo que me dizem os entendidos, o problema não é tão difícil de resolver como parece fazerem constar os engenheiros municipais, procrastinando a solução da questão. O prefeito Passos, que tanto se interessou pelo embelezamento da cidade, descurou completamente de solucionar esse defeito do nosso Rio. Infelizmente (...) nos preocupamos muito com os aspectos externos, com fachadas, e não com o que há essencial nos problemas da nossa vida urbana, econômica, financeira e social (BARRETO, *Correio da Noite*, 19/01/1915).

Mais uma vez, o cronista denuncia o aspecto de fachada existente nas obras da cidade, usando a estratégia de apresentar os problemas que o Rio de Janeiro enfrentava mesmo após as inúmeras construções realizadas desde Pereira Passos no espaço urbano. O centro urbano é abordado como o centro da crônica, mas não como o lugar por excelência da cidade, é onde se concentra a principal causa das adversidades vividas pela população. A fachada exposta pelo cronista não tem o mesmo encantamento capaz de desviar a atenção das reais condições da vida urbana, ao contrário, ela é demonstrada despida de qualquer roupagem ilusória, que a caracterizasse como símbolo da inserção brasileira na nova era da vida urbana e moderna.

É interessante notar que Lima Barreto vai além das questões urbanas, alegando que, nos outros aspectos da vida carioca, também é priorizada a idéia de fachada. Sua acusação se dá porque ele considera que o Rio de Janeiro é dirigido, em quase todos os aspectos, pela elite burguesa, pouco preocupada com o essencial, centrada no que é supérfluo, direcionando o poder público em proveito próprio e em detrimento do bem comum. Para o cronista, a intenção do restrito grupo dirigente era criar imagens ilusórias e fachadas em todos os âmbitos da sociedade, uma vez que esse parecia ser o principal símbolo de uma boa administração pública.

As colocações de Lima Barreto seguiam a mesma tendência do jornal para o qual a crônica foi escrita. Na primeira página do Jornal *Correio da Noite*, ele escrevia suas impressões sobre as enchentes e, na terceira página, o jornal trazia notícias sobre os estragos causados por elas.

Em outra crônica, publicada na revista *Careta*, para demonstrar a precariedade da infra-estrutura nos lugares afastados do centro urbano em torno da Avenida, Lima Barreto, em tom irônico, fala do enterro de um amigo realizado em cemitério no subúrbio. À medida que o cortejo fúnebre se aproximava do cemitério a situação ia se agravando:

> Conhecia mal os subúrbios, de modo que não adivinhei os tormentos por que ia passar e também o meu amigo morto. O enterro seguiu e nunca vi carro que balançasse mais nas molas do que o meu. Fomos indo. Seguimos e eis-nos na Rua José Bonifácio, em Todos os Santos. Esta rua há vinte anos que foi calçada; e, desde essa longínqua data, seu calçamento não tem recebido o menor reparo. Os buracos nele são abismos e cocheiro de coche fúnebre, ao desviar-se de um bonde, caiu em um deles, o caixão foi ao chão, o cadáver saltou de dentro deste e o meu amigo, ainda mesmo depois de morto, ficou machucado (BARRETO, *Careta*, 07/1915).

Ao contrário do que afirma na crônica, o cronista era bom conhecedor dos subúrbios, principalmente do lugar citado, "Todos os Santos" (BARRETO, 1993, 267), porque era onde ele residia. Nesse jogo de ficção e ironia, os subúrbios do Rio de Janeiro foram levados para as páginas dos

periódicos como espaço esquecido pela municipalidade, como lugares que realmente careciam de melhoramentos. Note-se que Lima Barreto opta por uma experiência corriqueira e triste da vida urbana para mostrar que o dia-a-dia nos subúrbios era difícil: realidade nua e crua, sem ilusões, repleta de sofrimentos mesmo após a morte. Barreto indica que nas ruas dos subúrbios não havia condições suficientes para a vivência harmoniosa dos elementos da modernidade, talvez por isso, não houvesse tanta adesão dos suburbanos aos novos conceitos de urbanidade característicos do centro. Faltava-lhes os requisitos básicos como, por exemplo, ruas bem calçadas para o melhor trânsito dos novos veículos. Dois símbolos modernos, o bonde e o automóvel, circulando num espaço fora dos padrões republicanos de modernidade, anunciavam um Rio de Janeiro longe de se tornar completamente integrado à modernidade e ao progresso.

Lima Barreto desejava conduzir seus leitores à percepção de que os resultados efetivamente obtidos com as reformas estavam muito aquém das imagens ou construções imaginárias criadas em torno delas. Nesse sentido, o cronista questiona o fato do cotidiano da cidade ser pautado e conduzido pelos conceitos da construção imaginária de civilidade e modernidade restritos e aplicáveis apenas a pontos isolados da cidade, como a Avenida Central; uma vez que o espaço predominante no Rio de Janeiro não se enquadrava nos moldes do que os reformadores criam ser civilizado e moderno. Assim, o cronista lutava para contradizer as ilusões produzidas e reproduzidas pela imprensa e poderes governamentais que tinham caráter de verdade. Ele rebateu um artigo escrito por Múcio da Paixão, no qual se dizia ser o Rio de Janeiro a menos brasileira das cidades:

> Pouca informação tenho do esforçado escritor campista, mas imagino que ele conhece muito mal o Rio de Janeiro, quando vem por aqui, adivinho, anda pela Rua do Ouvidor, Avenida, Praia de Botafogo, por todos esses lugares que as grandes cidades possuem para gáudio dos seus visitantes; mas o que constitui a alma, a substância da cidade, o Senhor Múcio não conhece e dá provas disso em sua afirmação (BARRETO, *Lanterna*, 22/01/1918).

Ao contrário de Olavo Bilac, Lima Barreto não aceitava a idéia do Rio de Janeiro ser compreendido unicamente pelo miolo da cidade, submetido aos melhoramentos do governo. Ele se opôs veementemente contra aqueles que consideravam, ou queriam considerar, que o Brasil fosse o Rio de Janeiro e que o Rio de Janeiro fosse as ruas embelezadas. Para Lima Barreto, a fachada e a ilusão criada em torno dela não representava o que era efetivamente a referida cidade. As modificações concretas do espaço urbano propiciaram a sensação de se viver numa metrópole moderna, legitimada pela crença e não pela autenticidade da configuração urbana da cidade. Para ele, esta sensação compunha uma modernidade forçada, alimentada por so-

nhos, fantasias e ilusões, e não pela realidade em si. Nessa perspectiva, o cronista escarnece a sociedade, produtora de fachadas e ilusões, que considerava a ilusão mais importante que o pão, ou seja, do que os elementos básicos para sobrevivência:

> A cartomancia entrou decididamente na vida nacional. Os anúncios dos jornais todos os dias proclamam aos quatro ventos as virtudes miríficas das pitonisas. Não tenho absolutamente nenhuma ojeriza pelas adivinhas; acho até que são bastantes úteis, pois mantém e sustentam no nosso espírito essa coisa que é mais necessária à nossa vida que o próprio pão: a ilusão. O melhor, para o interesse dessa nossa pobre humanidade, sempre necessitada de ilusões, venham de onde vier, é que as nossas cartomantes vivam em paz e se entendam para nos ditar bons horóscopos (BARRETO, *Correio da Noite*, 26/12/1914).

O cronista parecia debochar daqueles que insistiam em viver de acordo com o que pensavam ver e ser e não de acordo com o que de fato eram. O homem passou a se conceber diferente daquilo que era. Isso nos chama a atenção para pensar a ilusão também no que se refere ao comportamento. Olavo Bilac, não parecia concordar com os comentários de Lima Barreto sobre os assuntos da reforma ou, pelo menos, evitava ao máximo tratar o Rio de Janeiro para além da sua fachada moderna. Mas eles pareciam se aproximar em outro aspecto: ambos consideravam os hábitos da alta sociedade uma invenção propagada, principalmente pelos jornais, não muito salutar e imprópria à população pobre. Olavo Bilac identifica essa idéia ilusória, não no plano material, mas na incapacidade humana de acompanhar o rápido progresso nesse âmbito. Nesse sentido, ele recriminou inclusive o restrito grupo da sociedade *chic*, que transformou o termo civilizado em sinônimo de luxo.

Para o cronista:

> O Rio, incontestavelmente, progrediu demais, sob o ponto de vista material, em tempo muito escasso: temos avenidas, automóveis e elegância; mas não temos ainda muita gente que possa gozar dessas sublimidades da civilização. Os jornais inventaram uma vida elegante artificial, que só existe nas suas seções de mundanismo e moda. A gente rica e elegante de hoje é a mesma que existia há sete anos; e essa, para gozar as boas cousas da vida, não esperou que os jornais começassem a legislar sobre toaletes e divertimentos, mostrando o que é chic e o que é shocking, e dizendo o que é de bom tom e o que não é dernier-bateau. Sobre essa gente, naturalmente, não tem influência a nossa moderna mania de supercivilização. Há porém, a gente pobre, que se deixa alucinar por essas miragens de gozo, e vai ficando cada vez mais desgraçada, adquirindo desejos, ambições e caprichos que não podem ter satisfação, e alimentando idéias que se não podem realizar(BILAC, *Correio Paulistano*, 30/05/1908).

Em tom irônico, Olavo Bilac critica a "mania de supercivilização" e compreende que o conceito de civilizado disseminado não abrange a maior parte da sociedade carioca. O desejo pelo luxo despertado nas pessoas pela imprensa era prejudicial, pois restringia ainda mais a mudança de costumes exigidos no centro urbano, tornando ainda mais difícil a tarefa de disciplinar os hábitos da população. Esta foi uma das suas principais preocupações: quando já relativamente contente com as obras, Bilac gostaria que a população fizesse uma evolução da "barbárie" para a "civilização", para acompanhar as transformações e tornar ainda mais real a imagem de cidade moderna, incompatível com a miséria, com os hábitos do subúrbio e, também, por mais que possa parecer contraditório, com os excessos da alta sociedade.

Olavo Bilac reclamava de alguns costumes da alta burguesia carioca residente na área central. Em sua opinião, a sociedade carecia de uma reforma nos costumes. As críticas do cronista se direcionavam à elite pelo simples fato dela ocupar as residências e imóveis comerciais das áreas reformadas. Os pobres, uma vez expulsos de lá, não foram alvo do cronista, a não ser quando eles ocupavam suas ruas e entretenimentos. Um dos pedidos de Bilac, em comum acordo com as proibições da prefeitura, era para que não houvesse exposição de roupas nas portas e janelas das habitações com face na via pública. O argumento utilizado pelo cronista era sempre qualificar tal prática como um hábito próprio do subúrbio; argumento bastante eficaz para uma parcela da sociedade que gostaria cada vez mais de se diferenciar dos hábitos e costumes populares. Ele dizia, "não falo das míseras vestes que, nas estalagens dos subúrbios, aparecem aos olhos de quem passa, (...) lembrando os farrapos de Jó (...) muita cousa deve ser permitida aos pobres, para quem a pobreza é uma lei pesada demais... o que não se compreende é que essa exibição de roupas (...) seja feita em palacetes nobres, de bairros elegantes" (BILAC, *Gazeta de Notícias*, 20/05/1906). Outra reivindicação de Olavo Bilac nessa mesma crônica era que se evitasse andar pelos bairros centrais em "mangas de camisa".

Muitos vícios e hábitos foram extirpados pelos reformadores, mas ainda muitos permaneceram, portanto, era necessária, de acordo com Bilac, "a intervenção da autoridade, com o argumento sempre poderoso e decisivo da multa... Mas, voluntária ou obrigada, espontânea ou forçada, o essencial é que a reforma dos costumes se opere" (BILAC, *Gazeta de Notícias*, 20/05/1906). O poeta e cronista estava legitimando a ação da Prefeitura que, periodicamente, publicava editais de proibição na imprensa, regulamentando os hábitos, sob pena de multa, para os infratores. Parecia estar a cargo dos cronistas o papel de convencer a população a acatar as mudanças de forma espontânea e voluntária. Como vimos, Olavo Bilac apoiava as medidas impostas pela Prefeitura e contra-atacava aqueles que viam, nas medidas, uma forma de violência contra os pobres da cidade.

Olavo Bilac, intelectual integrado à reforma como porta-voz do desejo de mudanças, deixou, nas suas produções para a imprensa, os indícios de que a reforma urbana sufocava cada vez mais os costumes e tradições populares, mas que, ainda assim, para desconforto do cronista, estes permaneciam e circulavam no entorno das fachadas da metrópole moderna. Escreve Bilac:

> Devo confessar que nunca a Festa da Penha me pareceu tão bárbara como esse ano. (...) todo esse espetáculo de desvairada e bruta desordem ainda podia compreender no velho Rio de Janeiro de ruas tortas, de betesgas escuras, de becos sórdidos. Mas no Rio de Janeiro de hoje, o espetáculo choca e revolta como um disparate. Num dos últimos domingos, vi passar pela Avenida Central um carroção atulhado de romeiros da Penha: e naquele amplo boulevard esplêndido, sobre o asfalto polido, entre as fachadas ricas dos prédios altos, entre as carruagens e os automóveis que desfilavam, o encontro do velho veículo, em que os devotos bêbados urravam, me deu a impressão de um monstruoso anacronismo: era a ressurreição da barbárie, - era a idade selvagem que voltava, como uma alma do outro mundo, vindo perturbar e envergonhar a vida da idade civilizada... ainda se a orgia desbragada se confinasse no arraial da Penha! Mas, não! Acabada a festa, a multidão desvairada transborda, como uma enxurrada vitoriosa para o centro da urbs (...) talvez daqui a alguns anos a orgia da penha desapareça, como desapareceu o entrudo, e como desapareceram tantas outras festas bárbaras que se escudavam na implacável e insuportável tradição (BILAC, *Kosmos*, 10/1906).

A Avenida Central, novo núcleo histórico, político, social e econômico do Rio de Janeiro, refletia toda expressão de recusa a qualquer forma de identificação com o "passado colonial" ou mesmo com o restante da cidade que fosse identificado com a época "colonial". Na avenida e demais espaços reformados, as formas de proceder e os costumes eram observados e vigiados, principalmente quando havia festas e comemorações populares em que se reunia um aglomerado de pessoas de todas as partes da cidade, como na festa de carnaval. Na época do carnaval, as pessoas do subúrbio ocupavam as ruas da região central para realizar suas tradicionais brincadeiras carnavalescas, próprias do período colonial brasileiro, chamadas genericamente de "entrudo"[2]*,* Por essa razão o carnaval foi, em muitas ocasiões, ridicularizado pelo cronista Olavo Bilac, como uma festa de desordem e promiscuidade que deveria estar sob os cuidados de famílias cariocas, para pôr fim ao entrudo e regular os divertimentos[3].

[2] Para saber mais sobre o carnaval no Rio de Janeiro ver: FERREIRA, Felipe. *O livro de ouro do carnaval brasileiro*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

[3] Sobre isso ver: BILAC, Olavo. *Correio Paulistano*. Rio de Janeiro. 13/03/1908. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional. - BILAC, Olavo. *Kosmos*. Rio de Janeiro. 03/1904.

Como apontou Bilac, as pessoas do subúrbio de opróbrios saiam das ruas tortas, estreitas, e sujas e invadiam as largas ruas das regiões centrais; na bagagem, levavam objetos, costumes e procederes abominados pelos reformadores. Esse encontro cheio de preconceitos, narrado por Bilac, é bastante revelador. A imagem criada por ele, ao afirmar que os indesejáveis desciam para urbs como uma "enxurrada vitoriosa", nos leva a pensar que o encontro com os hábitos suburbanos era algo inevitável, impossível de se controlar, por mais que se criassem barreiras para impedir. Podemos afirmar, a partir de tais considerações, que o processo de reformulação urbana realizado, a partir de Pereira Passos, não alcançou a cidade em sua totalidade, há a permanência de um Rio de Janeiro tradicional e conservador em intenso contato e conflito com o Rio de Janeiro desejado.

Sabendo desse contato e conflito com o vizinho indesejado, o foco de Olavo Bilac não era, necessariamente, as pessoas, mas a imagem que o Rio de Janeiro teria, ou seja, a forma como a cidade seria lida pelos brasileiros e pelo mundo. O cronista tinha noção de que o Rio de Janeiro seria visto como um todo, e não de forma fragmentada, então, ele lutava para que o restrito espaço moderno e a pequena parcela da população civilizada se sobressaíssem em relação às predominantes características da cidade indesejada, visto que a representação de mundo é legitimada pela crença e não pela comprovação. Sendo assim, ele via na reforma urbana e dos hábitos a possibilidade de fazer a cidade ser vista e anunciada como "encasacada" e não como "de pés descalços", ainda que ela não fosse civilizada e moderna em sua totalidade.

> Que quer dizer a chegada dessa primeira leva de excursionistas? Quer dizer que essa gente já ouviu falar com entusiasmo da nossa terra, e teve a curiosidade despertada, e quis confiar no testemunho dos seus próprios olhos. Cada um desses visitantes, será, por sua vez, um porta voz; um anunciador gratuito da beleza e da civilização do Rio de Janeiro e do Brasil. Há aí honra e proveito. Ainda muita cousa feia terão visto por ai os viajantes do Byron: muitas ruas mal calçadas, muita gente descalça e suja pelas ruas, muitas casinhas novas atarracadas e desgraciosas, e muitas lojas servidas por caixeiros em mangas de camisa... Mas terão dito a si mesmos, ou terão achado que lhes dissesse, que o Rio de Janeiro não podia, mais feliz do que Roma, fazer-se em um só dia. O que é certo é que a cidade já nos não envergonha, como nos envergonhava (BILAC, *Kosmos*, 08/1907).

Nessa perspectiva, Bilac parecia reconhecer que as reformas foram fundamentais para não mais envergonhar a Capital Federal e para que ela fizesse jus a tal "status", mas lamentava o fato dos avanços sociais e morais

Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

não terem acompanhado o ritmo do progresso material. A civilização total da cidade passou a ser vista, pelo cronista, como um sonho inatingível, demonstrando, de certa forma, uma visão já desconfiada do progresso, diante da conclusão de que a civilização no Rio de Janeiro, a mais civilizada das cidades brasileiras, era apenas aparente. Numa de suas crônicas, ele afirma que se alguém do "tempo antigo", por um milagre, ressuscitasse e presenciasse a sociedade de 1907, ele:

> sabendo da invenção do telégrafo, e do telefone, e do radium, (...) deixaria talvez, a principio, por alguns momentos, de ser um cético, e acreditaria no progresso da humanidade. Mas, se, depois de contemplar tudo isto, começasse a contemplar a situação moral dos homens, o sorriso da dúvida reapareceria nos seus lábios; e ele, continuando a dizer que tudo é ilusão, reentraria com prazer no domínio da morte. (...) a civilização é uma ilusão! Tudo é sonho! Creio que só não é sonho este endiabrado reumatismo que me está triturando os tornozelos... tudo mais é ilusão! (BILAC, *Gazeta de Notícias*, 11/08/1907).

O desejo por mudanças de hábitos e costumes não agradava nem um pouco Lima Barreto, que era totalmente contra as imposições do programa republicano de ordem e progresso, pois via neste a opressão dos pobres pelos donos da República. O conceito de civilizado, para o cronista, passava não pelas vestimentas, padronização das formas de proceder e demais restrições impostas pela municipalidade, mas sim pela educação. Para ele, a educação era a única maneira de livrar o povo da opressão da elite burguesa[4]. Ao passo que Olavo Bilac identificava as práticas carnavalescas como atos incivilizados, Lima Barreto afirmava ser outra a sua preocupação:

> O isolamento faz-me mal à alma e ao pensamento. Mergulho no barulho dos outros, deixo de pensar em mim e nas fantasmagorias que eu mesmo criei para o meu padecer. A embriagues que a multidão traz, é a melhor e a mais inofensiva de todas que se tem até agora inventado. Nem o ópio, nem o álcool, nem o hachisch produzem a embriaguez que com a dela se assemelhe. Temos visões extraordinárias, sem estragar a saúde. Não participo da opinião da polícia, (...) o que me aborrece mais no atual carnaval, é a conclusão a que fatalmente chego ao ouvir as suas cantigas, sambas, fados, etc., ao ouvir toda essa poética popular e espontânea, de não possuir o nosso povo, a nossa massa anônima, nenhuma inteligência e de faltar-lhe por completo o senso comum. Mete horror semelhante pensamento. O ponto de vista da imoralidade e chulice pouco me preocupa; o que me preocupa é o intelectual e artístico (BARRETO apud RESENDE; VALENÇA, 2004, 137).

[4] Sobre isso ver: BARRETO, Lima. *Correio da Noite*. 11/03/1915. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional. - BARRETO, Lima. *Correio da Noite*. 13/03/1915. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

Ainda em Lima Barreto, sobre o carnaval:

> O carnaval é a expressão da nossa alegria. O ruído, o barulho, o tantã espancam a tristeza que há nas nossas almas, atordoam-nos e nos enchem de prazer. Todos nós vivemos para o carnaval. Criadas, doutores, saldados, todos pensamos o ano inteiro na folia carnavalesca. Durante o ano todo, Morcego é um grave oficial da Diretoria dos correios, mas, ao aproximar o carnaval, Morcego sai de sua gravidade burocrática, atira a máscara fora e sai para a rua. E então ele esquece tudo: a pátria, a família, a humanidade. Delicioso esquecimento! Ele então não era mais a disciplina, a correção, a lei, o regulamento; era o coribante inebriado pela alegria de viver (BARRETO, *Correio da Noite*, 02/01/1915).

Lima Barreto parecia apreciar os costumes e tradições populares e via, no carnaval, um momento em que as tristezas e obrigações eram esquecidas temporariamente, momento em que os mais civilizados entre os "civilizados" colocavam a máscara ou a retiravam do seu dia-a-dia para se entregarem à embriaguez do carnaval, encontrarem-se e se divertirem com os próprios preconceitos. Mas não podemos nos seduzir pelas palavras do cronista, pois, no conjunto de suas crônicas, ele nutre certa antipatia pela festa, por considerá-la vazia e sem sentido. Cremos que sua defesa, em alguns momentos, se dá em virtude de dois fatores: o primeiro, por não concordar com o fato de o governo cercear a liberdade individual; o segundo, pela sua tendência de fazer oposição aos grandes periódicos que sempre ridicularizavam o carnaval e o entrudo, focando principalmente os pobres como os responsáveis pelos pontos negativos dos mesmos. De qualquer forma, o cronista, amante ou não do carnaval, sempre se colocou a favor da população do subúrbio.

Consideramos até que sua defesa, em alguns momentos, é tão exagerada que o cronista acaba colocando a população suburbana como marionetes que se sujeitaram, pacificamente, aos interesses dos endinheirados e administradores da cidade, como incapazes de reagir contra as mazelas que os afligiam. Mas, como podemos perceber, tanto a partir das crônicas de Barreto e Bilac, quanto dos jornais, a população suburbana ofereceu forte resistência às imposições governamentais, inclusive, obtendo algumas vitórias em relação aos reformadores do Rio de Janeiro. A Revolta da Vacina é um exemplo clássico de resistência popular e de ressignificação do espaço e dos símbolos da civilização, como bem elucida Myria Bahia Lopes (LOPES, 2000, 16-17).

As novas posturas municipais, criadas a partir de Pereira Passos com o objetivo de disciplinar os hábitos da população, não agradavam nem um pouco ao cronista, pois Barreto via nelas uma ameaça aos mais necessitados do Rio de Janeiro, ou seja, aos indesejados da Avenida e fortes candidatos ao

"título" de barbárie. Nesse sentido, Lima Barreto ironizou muitas leis criadas pela municipalidade. Sobre a proibição da circulação de cachorros nas ruas da *urbs*, Barreto deu os parabéns às mulheres que salvavam os cachorros dos guardas municipais antes de serem presos e exterminados (BARRETO, *Careta*, 20/09/1919). Sobre a proibição de mendicantes nas ruas, o cronista comenta o anúncio de jornal que afirmava que a polícia prendeu um mendigo que trazia alto valor em dinheiro. Neste caso, Barreto chama a atenção para a batalha que se travou nas ruas do Rio de Janeiro entre os costumes e a lei, representados, respectivamente, pelo pedinte que agiu de acordo com os costumes, e a polícia que exerceu seu poder de acordo com a lei. Nesta batalha, o cronista apoiava, deliberadamente, os costumes, mesmo quando isto significava ir contra a opinião geral. Para ele, não se devia proibir a prática da mendicância, já que essa era a única alternativa de vida para muitas pessoas, o que demonstrava a desigualdade social e a inutilidade de determinadas leis. Barreto estava sempre a favor dos infratores, nunca da lei (BARRETO, *Gazeta da Tarde*, 26/05/1911).

As leis eram percebidas por Lima Barreto, não pela ótica de quem as aplicava, ou dos desejosos de completar a "limpeza" das ruas, mas pela ótica dos atingidos e prejudicados por elas. Escreveu uma crônica para a revista *Careta* que condenava a proibição dos muambeiros nas largas ruas da zona central.

> Quando saio de casa e vou à esquina da Estrada Real de Santa Cruz, esperar o bonde, vejo bem a miséria que vai por este Rio de Janeiro. Ultimamente, na esquina, veio ao meu encontro um homem com quem conversei alguns minutos. Ele me contou a sua desdita com todo o vagar de popular. Era operário não sei de que oficio; ficara sem emprego, mas, como tinha um pequeno sítio lá para as bandas do Timbó e algumas economias, não se atrapalhou em começo. As economias foram-se, mas ficou-lhe o sítio, com as suas laranjeiras, com as suas tangerineiras, as suas bananeiras, árvore de futuro com a qual o Senhor Cincinato Braga, depois de salvar o café, vai salvar o Brasil. Este ano foi particularmente abundante em laranjas e o nosso homem teve a feliz idéia de vendê-las. Vendo, porém, que os compradores na porta não lhe davam o preço devido, tratou de valorizar o produto (...) comprou um cesto, encheu-o de laranjas e saiu a gritar: (...) foi feliz e pelo caminho apurou uns dois mil-réis. Quando, porém, chegou a Todos os Santos, saiu-lhe ao encontro a lei, na pessoa de um guarda municipal:
> - Quedê licença!
> - Que licença?
> - Já sei, intimou o guarda. Você é muambeiro. Vamos para a agência.
> Tomaram-lhe o cesto, as laranjas, o dinheiro e, a muito custo, deixaram-no com a roupa do corpo (BARRETO, *Careta*, 07/08/1915).

Nessa época, não eram permitidos vendedores ambulantes trabalhando sem licença pelas ruas da cidade. Para entrar na legalidade, era necessário pagar impostos à prefeitura e também padronizar os equipamentos utilizados conforme a lei[5]. Como podemos ver, os incivilizados do projeto reformista, ou seja, aqueles que não eram aptos a estarem nas áreas centrais da cidade, foram narrados por um outro prisma nas crônicas de Lima Barreto. Não foram tidos como incivilizados, mas como trabalhadores em busca da sobrevivência, que eram apresentados de forma a questionar a tentativa de reforma não só do espaço urbano, mas também dos hábitos e costumes daqueles que por lá circulavam. Já os administradores públicos eram tidos como aproveitadores, criando leis para engodarem a receita do Distrito Federal[6].

As formas de proceder e os hábitos condenados pelo discurso republicano de ordem e progresso foram qualificados positivamente por Lima Barreto. O que para Bilac tratava-se de "monstruoso anacronismo e insuportável traição", para Lima Barreto era a sobrevivência do que a sociedade tinha de melhor, mas que estava sob a ameaça da astúcia modernizadora. Ele encarava a civilidade defendida por Bilac como algo forjado pela hipocrisia.

> Este Rio (...) pode ter muitos defeitos, mas ainda não perdeu de todo a simplicidade e ainda tem muitos aspectos de generosidade. É uma grande aldeia, dizem os snobs; admito. É porém, preferível uma grande aldeia com generosidade, caridade e simplicidade de gostos e modos do que uma aldeola com pretensões a altas elegâncias européias (...), com seus verdadeiros e falsos ricos, cavadores nacionais, (...) falsificadores (BARRETO, *Careta*, 31/12/1921).

Outra questão apontada nessa mesma perspectiva, é como os prédios construídos na Avenida Central, atual Avenida Rio Branco, eram feitos não para o povo, mas para os poderosos se deleitarem, contribuindo para o afastamento natural dos pobres de lugares como o Teatro Municipal, a

[5] Leis publicadas no jornal Gazeta de Notícias. Rio de Janeiro, 13/11/1904. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional. Art. 86. Aos mercadores ambulantes sem licença para seus negócios, será imposta a multa de 20s, com exceção dos de:
1. Não é considerado negócio ambulante a venda de productos de pequena lavoura, pelos próprios lavradores.

[6] Leis publicadas no jornal *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 13/11/1904. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional
Imposto de Licenças
Art. 16. Ninguém poderá ter negócio de qualquer natureza, por atacado ou varejo, estabelecido ou ambulante, fabrica ou afficina, deposito de qualquer espécie, escriptorio, consultório, tendas e barracas, exhibições, diversões e espectáculos públicos, vehiculos terrestres e marítimos, particulares ou a frete, kiosques, taboletas, toldos, placas, lettreiros, lampeões em postes, bandeiras annuncios, sem licença municipal, pagando o respectivo imposto de alvarás de licença, salvo os exceptuados nesta lei, e nas de caracter permanente não derogadas ou revogadas.
Art. 17. Os impostos de licença serão arrecadados de accordo com as tabellas seguintes: (...)

Biblioteca Nacional, a Escola Nacional de Belas Artes, entre outros. Numa crônica de Lima Barreto escrita para a revista *Careta*, ele questiona a intenção do poder municipal e nacional em civilizar a população, já que os prédios voltados à educação e à arte, foram vedados aos pobres. Ele exemplifica sua afirmação e enfatiza sua crítica ao narrar a história de "Xubregas", um músico do morro que, diante da impossibilidade de viver da música, tornou-se construtor de fossas. Ao saber que uma famosa orquestra vienense se apresentaria no Teatro Municipal, quis assistir, mas, segundo o personagem da crônica: "quando lá cheguei, tudo era caro, (...) qualquer lugar era tão caro que, se eu alugasse um, ficava sem comer uma semana. Sempre li que a prefeitura tinha erguido aquele teatro para a educação do povo." O cronista o retrucou: "Que engano! Ele deve estar por quinze mil contos, extorquidos ao povo; mas foi feito para educação dos ricos." Então "Xubregas" dá um grito de despedida ao cronista: "Viva a República". (BARRETO, *Careta*, 19/08/1922)

Xubregas, também chamado pelo cronista de "um do povo", é apresentado para demonstrar como as práticas do governo Republicano, especialmente as Expressas na Capital Federal, eram contrárias ao discurso defendido. Na mesma direção, ele quer colocar em cheque a visão oficial de civilidade, por considerá-la excludente, que impõe ao imaginário coletivo a noção de que, para ser civilizado, deve-se vestir bem, obedecer regras de etiqueta, freqüentar espaços "chics" e outros requisitos que não foram feitos pensando nos "Xubregas" da cidade carioca. Para Lima Barreto, haveria de se repensar a noção de povo, para que assim fosse também repensado o espaço que para ele (não) vinha sendo construído. O cronista, denunciou o programa de reformas por este pensar nos edifícios pelos seus alicerces e não pela função que deveriam ter. (BARRETO apud RESENDE; VALENÇA, 2004, 71)

Enquanto Barreto fazia tais apontamentos, de acordo com Antonio Dimas, Olavo Bilac, cronista a quem se deve boa parte das Transformações do Rio de Janeiro na primeira década do século XX, estava a serviço da causa pública. O auge desse processo foi a inauguração do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, em 1909. Olavo Bilac foi o orador oficial da cerimônia, a convite do prefeito Souza Aguiar. De acordo com o autor, o prédio, recinto de pessoas graúdas da sociedade, cercado por outros edifícios construídos com a mesma inspiração, era o arremate de um momento que criara o slogan "o Rio civiliza-se". (DIMAS, 2006, 149)

Lima Barreto e Olavo Bilac perceberam as mudanças na cidade, embora com perspectivas diferenciadas. O primeiro achava que as obras eram cheias de luxo e suntuosidades desnecessárias, incapazes de atender às reais necessidades da população carioca, que, em sua maioria, não se habituaria a tudo aquilo, por formarem, em si, um ambiente inibidor e excludente. Já

o segundo, cria que aquele era exatamente o cenário material desejado, mas que as pessoas não se civilizavam o suficiente para o seu devido desfrute. Para um, o problema estava nas obras, para outro, o problema estava nas pessoas. Para um, a ilusão era o próprio conceito padrão de civilidade desejado pelo Estado; para o outro a ilusão era crer que todo o Rio de Janeiro evoluiu com a reforma, passando da "barbárie" para a "civilidade". Para um, a reforma dos costumes era preconceituosa e excludente; para o outro, era importante e necessária; um cria que a noção de civilização estava ligada aos hábitos e tradições populares do subúrbio, outro acreditava que a verdadeira civilização era a que se desejou construir no centro urbano. Um defendia os infratores, o outro as leis. O Rio de Janeiro, construído nas crônicas, acontece no encontro entre o centro urbano e os subúrbios, apresentando seus tipos humanos, costumes, valores, hábitos, etc. Embora houvesse a pretensa separação dessas duas cidades, embora sejamos tentados a dividir esses mundos fragmentados, é necessário dizer que um sempre é tomado em relação ao outro, reafirmando ainda mais a idéia de contato. A noção de civilização que Barreto critica e Bilac exalta também faz parte da constituição da fachada moderna.

Fontes:

A Lanterna. Rio de Janeiro, 11/1902. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

Careta. Rio de Janeiro. 1915 – 1922, Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

Correio da Noite. Rio de Janeiro, 14/12/1914 – 13/03/1915. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

Correio Paulistano. São Paulo, 10/09/1907 – 18/06/1908. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

Gazeta de Notícias. Rio de Janeiro, 07/01/1900 – 25/10/1908. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

Gazeta da Tarde. Rio de Janeiro, 1911. Acervo Periódicos Raros - Fundação Biblioteca Nacional.

Kosmos. Rio de Janeiro, 03/1904 – 05/1908. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

Referências

BARRETO, Lima. **Um longo sonho do futuro: diários**, cartas, entrevistas e confissões dispersas. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1993.

DIMAS, Antonio. **Bilac, o jornalista: ensaios**. São Paulo: Edusp / Unicamp / Imprensa Oficial do estado de São Paulo, 2006.

FERREIRA, Felipe. **O livro de ouro do carnaval brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

GOMES, Renato Cordeiro. **Todas as cidades, a cidade**: literatura e experiência urbana. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

KOK, Glória. **Rio de Janeiro na época da Avenida Central**. São Paulo: Bei Comunicação, 2005.

LOPES, Myriam Bahia. **O Rio em movimento**: quadros médicos e(m) história 1890-1920. Rio de Janeiro: Editora FioCruz, 2000.

NEEDELL, Jeffrey d. **Belle Époque Tropical**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

RESENDE, Beatriz. **Lima Barreto e o Rio de Janeiro em Fragmentos**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/ Campinas: Ed. Unicamp, 1993.

RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (orgs.). **Lima Barreto: Toda Crônica**: Volume I (1890-1919). Rio de Janeiro, Agir, 2004.

_____; _____ (orgs.). **Lima Barreto: Toda crônica**: Volume II (1919-1922). Rio de Janeiro, Agir, 2004.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1983.

Artigo recebido em junho de 2009 e aceito para publicação em setembro de 2009.